

# O COMPLEXUS NA OBRA DE RIVANE NEUENSCHWANDER

THE COMPLEXUS IN THE WORK OF RIVANE NEUENSCHWANDER

**Joedy Luciana Barros Marins Bamonte**  
PPAV-UNESP/FAAC/Bolsista FAPESP

**Resumo:** O texto traz raciocínios gerados por provocações poéticas. Em comum, têm o complexus, mencionado por Morin, salientando os vestígios humanos e a delicadeza da vida, reflexões a respeito do que nos é essencial, comum a áreas distintas do conhecimento. Eclode no projeto poético de Rivane Neuenschwander e na delicada tecedura composta entre espectador e artista, uma trama indissociável de relações sustentáveis e necessárias à preservação da própria vida.

Palavras-chave: Rivane Neuenschwander, poética artística, complexus, sustentabilidade

**Abstract:** *The text has reasoning generated by poetic provocations. In common, has the complexus, mentioned by Morin, emphasizing human vestiges and the delicacy of life, reflections about what is essential and common to distinct areas of knowledge. Emerge in the poetic project of Rivane Neuenschwander and the delicate composite texture between viewer and artist, an inseparable texture of sustainable relationships and necessary for the preservation of one's own life.*

*Keywords: Rivane Neuenschwander; artistic poetry, complexus, sustainable*

## Introdução

O presente artigo busca integrar uma sequência de raciocínios que aproximam poéticas e percursos que constituem, aparentemente, fatos isolados cronologicamente, mas que se integram em formulações e focos de interesse.

Na observação da fragilidade humana, aproximam-se experiências pessoais decorrentes de visitas a exposições, pesquisas poéticas e questões sobre sustentabilidade estética, ambiental e cultural. Assim, essa reflexão decorre de várias mediações presentes em meu próprio processo criativo, nas quais Caravaggio, o estudo de bulbos, da alimentação sustentável e Rivane Neuenschwander estão alinhavados perpassando acontecimentos e reflexões, gerando provocações estéticas e acadêmicas que levam a este texto.

Essas experiências são sintetizadas em quatro: noções de sentido, beleza, renovação e delicadeza da vida, todas conectadas em função de estudos sobre a permanência humana pronunciada em laços entre a criação artística e a interação/ participação do outro. Aqui, parto do princípio de que a obra de arte é vista como um mecanismo pulsante, por meio do qual a vida se inscreve e se perpetua abrindo-se à compreensão do semelhante.

Em comum à obra da artista brasileira nascida em Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil), está aquilo que é tecido em conjunto - o *complexus* mencionado por Morin - e onde o espectador e artista se reconhecem e se presentificam. Na produção de Rivane Neuenschwander, podemos falar em uma tendência para a construção de uma narrativa cotidiana que é pronunciada em resíduos e vestígios de gestualidade, intimidade e anonimato, porém, de compartilhamentos também. Assim, o desenvolvimento deste texto passa por uma ideia de mediações e contaminações que envolvem minha produ-

ção e os desdobramentos de reflexões que me aproximaram dessa artista mineira e que me levaram a perceber intermediações e diálogos envolvidos no projeto poético e a complexidade do gesto criador. Meu processo criativo foi tomado por eventos significativos que me levaram a refletir sobre a complexidade interativa das experiências e seu impacto na produção de obras, os quais compartilho a seguir, de maneira mais específica.

## Experiências: noções de sentido, beleza, renovação e delicadeza da vida

A primeira experiência contagiante a ser mencionada foi gerada durante visita à mostra “Caravaggio e seus seguidores”, no MASP - Museu de Arte de São Paulo, em 2012. Ao visualizar as obras do artista italiano, fui tomada pelo impacto diante daqueles personagens estáticos, aparentemente “congelados” pelo ambiente noturno que os envolvia, a exemplo da obra “San Girolamo che scrive”, vista em detalhe abaixo.

O fato de pensar na distância secular entre o meu tempo e o deles, entre seus afazeres, sua identidade e na relevância de sua existência ao ser preservada pela minuciosa interpretação barroca, aproxima-me do homem cotidiano do final do século XVI e de seus vestígios, comumente ignorados. Quanto e o que sabemos sobre aquelas pessoas/personagens/modelos? Quanto as “tocamos” e quanto de sua fugaz existência pode ser captada durante a contemplação? Qual importância tiveram? Essas questões emergiram de maneira intensa em minha poética, o que pode ser estendida na segunda experiência.

O segundo evento diz respeito às investigações que faço há aproximadamente vinte anos, tendo como interesse as conexões voltadas para a origem e preservação da vida a partir de estudos biológicos. Há uma intencionalidade

imersiva do meu processo criativo, que pode ser observado, atualmente, na série em andamento “*Exsistere*” - uma imersão na própria concepção do ser como um ato de criação complexo e indissociável.

Nesse conjunto de objetos em andamento, cheguei à interpretação de percalços, acidentes e ao próprio luto enquanto motes para a compreensão do belo e das intervenções nas quais a existência se inscreve implacavelmente. Em traços, tramas, no fazer têxtil, na fotografia, a volatilidade do tempo passou a ser inscrita e observada. Em comum à percepção das pinturas de Caravaggio, permaneceu a inquietação em captar a sutileza do sopro de vida, das marcas de passagem, do tempo latente numa espera infinitesimal de séculos; vestígios também observados, sob a ótica de Gaston Bachelard, em “A poética do espaço” (2003), ou em outras pesquisas estéticas e teóricas que envolvem a criação artística.

O terceiro raciocínio está diretamente ligado ao futuro do alimento a partir de observações a respeito de sustentabilidade propostos pelo chef norte-americano Dan Barber (2015). Em sua abordagem, relacionada ao conceito “do campo à mesa”, conforme citação, conta-nos como sua forma de preparar e ver o alimento foi transformado à medida que se apercebeu da necessidade de resgatar o que naturalmente o campo concede a cada região. A paisagem é composta por aquilo que alimentará o homem que nela habita.

“A história do trigo é a história de quem nós somos.” (Barber, 2015, p. 42). Nessa citação de Barber, exemplifico as aproximações observadas e trazidas para o texto presente. Aparentemente desconexas, surgem no turbilhão das reflexões artísticas contemporâneas, ajustando a proposição estético-gastronômica em harmonia com a necessidade atual de nos sensibilizarmos com nosso entorno compreendendo o mundo de

maneira sustentável. Como um padrão tecido delicadamente, o chef/escritor nos faz refletir sobre quanto conhecemos a respeito do que comemos e o quanto perdemos de interação e de intimidade com a própria terra e, consequentemente, com a própria vida. Chamando-nos às especificidades e privilégios de cada localidade e a ler a gastronomia como fruto de uma determinada geografia, igualmente nos instiga à valorização e ao respeito. Questiona-nos acerca de nós mesmos e das marcas que deixamos ao argumentar sobre o fato de ainda sabermos o verdadeiro significado de sabor.

Dentro desse *continuum* de desafios poéticos, menciono a quarta experiência, e tema deste artigo: a visita à exposição de Neuenschwander, em 2012, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sob curadoria de Adriano Pedrosa, “Mal-entendidos” (2012) impactou pela maneira como a vida, em atividades corriqueiras e singelas captam a atenção da artista em sua poética, algo que já havia presenciado em 1998 na 24ª Bienal Internacional de São Paulo, ao conhecer a obra “Trabalho dos dias”, instalação resultante do depósito de fiapos, fios de cabelo e poeira do dia a dia.

A poética de Neuenschwander conduz aos vestígios do espectador, de suas próprias observações, delicadezas que emergem de uma transformação permanente, constante. Suas obras estão presentes em grandes mostras como as Bienais de São Paulo, de Veneza e de Joanesburgo, nas quais muitas vezes o espaço é escolhido como receptáculo para instalações e interações do público que resultam em uma obra aberta construída e perpetuada em elaborações compartilhadas, generosas. Rivane parece compartilhar com o público o fio de cabelo na escova de pentear do banheiro, o pó sobre os pisos de casa, sobre os objetos esquecidos; suas paredes nesta mostra nos lembram os cantos empoeirados, aos quais Bachelard diz

“San Girolamo che scrive”, Caravaggio. Óleo sobre tela, 112 x 157 cm. 1605-1606. Galeria Borghese, Roma. Fonte: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2012/08/01/exposicao-com-obras-do-artista-italiano-caravaggio-chega-a-sp/>.

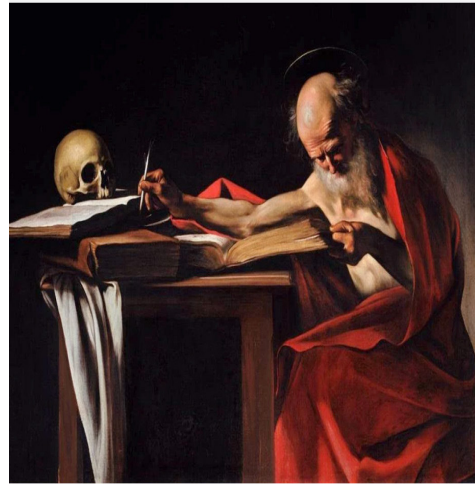
residir nossos abandonos, aquilo que queremos esquecer, abandonar, mas que temos consciência de que nos pertence. A artista parece compartilhar de si com o que o público compartilha em sua memória com ela, uma obra feita de acionamentos. De aproximações.

Nessas aproximações, das quais também faço parte, minhas reflexões acionaram proposições estéticas interconectadas. Nas conexões entre arte, biologia e subsistência alimentícia, começou a fomentar-se um projeto; a partir desses apontamentos, a vida pareceu florescer de maneira mais bela e instigante, constituindo experiências desafiadoras que podem ser traduzidas nas palavras de Cecília Salles, ao comparar o processo criativo da atuação de ecologistas ao estudarem interações em sistemas: “(...) estamos preocupados com as interações, tanto internas como externas aos processos, responsáveis pela construção de obras, pois são sistemas abertos que interagem também com o meio ambiente.” (Salles, 2003: 24).

### **Complexus: a delicadeza da vida, vestígios e anonimato**

Várias das criações de Rivane fazem emergir situações comumente incômodas ou ignoradas, que surgem como proposições sinestésicas. Seja por meio de buracos, goteiras, bolhas de sabão... o mínimo é o elemento central. Ao mesmo tempo, o espectador é convidado a ser coautor da obra (sua memória pessoal e cultural acionam o objeto em sua frente), em momentos nos quais a delicada compreensão do outro é o mote para a poética, ao mesmo tempo em que a sensibilização e os pormenores, o interesse pelo que o outro tem a fazer e pelo que ele tem a dizer constituem elementos essenciais para a dinâmica da criação como algo pulsante, vivo e renovador. Nas palavras da artista:

“Exsistere 3”, Joedy Marins. Desenho sobre tecido, 70 x 70 cm. 2014. Fonte: Acervo da artista.



Estou falando especificamente de coisas às quais não damos valor, coisas consideradas irritantes, coisas que ninguém nota, coisas que são temporárias, que estão nas margens ou nas entrelinhas, que têm sua existência simplificada devido à insuficiência da nossa percepção. (Neuenschwander, Flood, 2010: 22)

As marcas deixadas pelo espectador aparecem inscrevendo o passageiro, o minucioso, o quase invisível. Parecem inscritas em um território transitório por fagulhas de vida como pedaços de papel, ou canudos dobrados aleato-





“Trabalho dos dias”, Rivane Neuenschwander. Instalação, sujeira recolhida em plástico adesivo, 800 x 400 x 400 cm. 24ª Bienal Internacional de São Paulo, 1998. Cortesia da artista. Fonte: Galeria Fortes Vilaça

riamente durante a conversa em uma mesa de bar, que iriam para o lixo, ou listas de compras caídas ao acaso em um supermercado. Ao invés de serem relegadas ao abandono dos cantos, ou ao esquecimento nas gavetas bachelardianas, são resgatados como objetos a denunciarem a memória recente, a presença incógnita e, no caso das listas, tornam-se orientações anônimas para que chefes de cozinha elaborem receitas.

Os espaços da memória parecem interessar à artista; as frágeis inserções, os fiapos. Lampejos de vida retêm sua atenção. São a matéria-prima de suas criações. A presença humana é bem-vinda para dar continuidade aos raciocínios, na atuação do espectador, nas histórias que continua a trazer. A essência de sua criação se auto-alimenta aberta a novas obras e ao que ninguém dá atenção. Abre-se à permanência das marcas

humanas e a uma arte composta em conjunto.

Em composições voláteis, o anônimo é manifesto, resultado, na maioria das vezes, de materiais descartados pela sociedade. O sublime e o singelo, os pequenos começos são abordados como preciosidades do dia a dia a extrapolarem linhas divisórias entre o artista e o público, sugerindo novas dinâmicas, quebras de fronteiras. A poética da artista é traduzida como um fazer constante que se alimenta de relações sustentáveis, raramente existentes na realidade. A partir do outro, expande-se o interesse pelo que tem a dizer, pelas histórias que tem a contar. Nesse interm, as palavras, o tecido conjunto é manifesto como perpetuação de relações, essência da sustentabilidade, que nos permite, mais do que enxergar a importância do outro, fazê-lo existir, sem compartimentos ou isolamentos. É nesse aspecto que vejo conexões com as experiências

mencionadas anteriormente. Nesse contexto, o *complexus* de Morin se torna extremamente presente:

(...) porque nossa educação nos ensinou a separar e isolar coisas. Separamos seus objetos de seus contextos, separamos a realidade em disciplinas compartimentadas umas das outras. A realidade, no entanto, é feita de laços e interações, e nosso conhecimento é incapaz de perceber o *complexus* – aquilo que é tecido em conjunto (Morin, 2000: 11)

Mesmo quando a obra de Rivane não aparece estar aberta a interações, observa-se o quanto ainda a artista prevê a leitura às possibilidades de inserção do espectador enquanto protagonista. Essa interação é pelo menos memorial e remete a obra ao que o sujeito é, não somente a observando, mas sentindo-se parte dela. É o

caso de “(A) casos eróticos”, de 2014.

Enquanto ofício feminino, demarcado no decorrer da história, o fazer têxtil surge na obra da artista em uma obra finalizada, aparentemente não interativa. Entretanto, a narrativa diz respeito a situações tão corriqueiras e banais como as tratadas em outras obras, compostas também pelos vestígios, resíduos deixados pelo público. No caso dos bordados, a sinuosidade da forma é aberta ao abstrato, ao acaso, em um intervalo lúdico como os desenhos feitos com linhas curvas, sobrepostas aleatoriamente e preenchidas com cor.

Sem compromissos com códigos pré-estabelecidos e estereótipos, os guardanapos são receptáculos de divagações prazerosas, algo oposto aos desenhos de frutas, flores ou paisagens comuns aos enxovais. Linhas transbordam sobre o tecido, libertando o fazer doméstico de obrigações e rotinas sígnicas. São somente me-



(a) casos eróticos (vista da exposição “Mal-entendidos” no MAM-SP, 2014), 2014. Bordado à mão sobre guardanapo de pano. Várias dimensões. Cortesia da artista. Fonte: Eduardo Ortega



mórias gestuais, simplesmente, divertidas, singelas. Entretanto, aos estarem esticadas, sem vidros que as protejam, essas obras também estão expostas à ação do tempo e do imprevisto, livres.

Os registros feitos em agulha e linha são os mesmos que perscrutam a exposição.

### Conclusão

A ênfase dada à obra de Neuenschwander no presente texto perscruta o olhar resultante de laços, a percepção do *complexus*, citado por Morin ao descrever a realidade como um complexo



tecido em conjunto. Na abordagem, a busca foi por relacionar minha pesquisa poética, os raciocínios que a compõem, da identificação com outras obras, entendendo o processo criativo na intrigante rede de mediações que o envolve. Relacionar o *corpus* da produção artística, bem como sua investigação com as sutilezas necessárias às relações humanas, permitiu olhar para o fazer como uma tecedura apta a preservar a vida. Dessa forma, a reflexão se volta ao outro, a uma estrutura compartilhada e sustentável. Sob essa ótica, a fruição da obra se torna tão importante quanto a contemplação do que é singular, finito e etéreo. As poéticas tratam disso e a vida também, sem divisões.

“(a)casos eróticos”.  
Rivane Neuenschwander. Bordado sobre guardanapo de pano, 50 x 50 cm, 2014. Cortesia da artista. Fonte: Eduardo Ortega

### Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBER, Dan. **O terceiro prato**: observações sobre o futuro da comida. Rio de Janeiro: Bicicleta Amarela, 2015.

MORIN, Edgar. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NEUENSCHWANDER, Rivane. **Rivane Neuenschwander**: mal-entendidos [misunderstandings]. Catálogo de exposição. São Paulo: MAM, set-dez 2014. Curadoria de Adriano Pedrosa.

NEUENSCHWANDER, Rivane, FLOOD, Richard. **Um dia como outro qualquer**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2010.

Rivane Neuenschwander: days work. In.: Tanya Bonakdar gallery. Acesso em: 10 dez 2016. Disponível em: <http://www.tanyabonakdargallery.com/exhibitions/rivane-neuenschwander-days-work>

SALLES, Cecília. **Redes da criação**: construção da obra de arte. Vinhedo: Horizonte, 2003.

“(a)casos eróticos”.  
Rivane Neuenschwander. Bordado sobre guardanapo de pano, 50 x 50 cm, 2014. Cortesia da artista. Fonte: Eduardo Ortega.